

COMPETIÇÃO, BARBÁRIE E EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO PENSAMENTO DE ADORNO

Samuel Nobre Lopes, Maria Zélia Pinto da Silva***

RESUMO

A sociedade atual é marcada pela generalização de competições e de violências advindas da sociedade capitalista, exigindo que se faça uma reflexão sobre essas questões e o papel da educação para esse fim. Há vários pensadores que nos trazem contribuições teóricas para refletirmos acerca dessa educação. Dentre eles, podemos destacar Theodor Adorno, filósofo alemão e membro da Escola de Frankfurt. Tentando delinear um pouco essa temática, o presente artigo tem como objetivo exercer uma reflexão, a partir do pensamento de Adorno, sobre a questão da indústria cultural, da competição e da barbárie decorrentes da sociedade industrial e tecnológica, bem como acerca dos seus mecanismos de construção que incidem na violência, na heterogeneidade e na heteronomia. Tudo isso nos remete a algumas considerações sobre a formação humana frente à crise da formação cultural da sociedade capitalista. Para tanto, abordaremos a questão do trabalho na historicidade do homem, a relação intrínseca entre competição, barbárie e indústria cultural, concluindo com a concepção de educação e emancipação como elementos mediadores para a superação desse estado de coisas. Porém, tais discussões serão delineadas também com o pensamento de Marx e de Lukács.

Palavras-chave: Competição. Violência. Esclarecimento. Educação emancipatória.

* Aluno concludente do Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Membro pesquisador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Teoria Crítica e Educação, e do Grupo de Estudo e Pesquisa Ontologia do Ser Social, Ética e Formação Humana (GEPOS), ambos certificados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Filosofia e em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço para correspondência: Rua Ezequiel Campina, n.º 975, apto. 305, bloco B, Tamatanduba, CEP 61.760-000, Eusébio (CE). E-mail: samuelsn132@gmail.com

** Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro pesquisador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Ontologia do Ser Social, Ética e Formação Humana (GEPOS), certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Filosofia e em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço para correspondência: Rua Cinco, n.º 85, Conjunto Industrial, CEP 61.925-040, Maracanaú (CE). E-mail: zeliasfreitas@yahoo.com.br

COMPETITION, BARBARISM AND EMANCIPATORY EDUCATION:
A REFLECTION FROM ADORNO'S THOUGHT

ABSTRACT

The present society is marked by the generalization of competitions and violence from capitalist society. In order to understand this fact, it is necessary to reflect on these issues, as well as on the role of education. There are several thinkers who bring us theoretical contributions to reflect on this education. Among them, we can highlight Theodor Adorno, German philosopher and member of the Frankfurt School. This article tries to delineate this theme, aiming at reflecting, from Adorno's thought, the question of cultural industry, competition and barbarism arising from industrial and technological society. In addition, it also seeks to understand the mechanisms of construction that affect violence, heterogeneity and heteronymy. We also refer to some considerations about human formation in the face of the crisis of the cultural formation of capitalist society. To do so, let us reflect on the question of work in the historicity of man and on the intrinsic relation between competition, barbarism and cultural industry. Finally, we will conclude our considerations by approaching the conception of education and emancipation as mediating elements for overcoming this situation. Such discussions will be delineated with the Marx's and Lukács' thought.

Keywords: Competition. Violence. Clarification. Emancipatory education.

COMPETICIÓN, BARBARIE Y EDUCACIÓN EMANCIPATORIA:
UNA REFLEXIÓN A PARTIR DEL PENSAMIENTO DE ADORNO

RESUMEN

La sociedad actual está marcada por la generalización de competencias y de violencias provenientes de la sociedad capitalista. Para la comprensión de este hecho, se requiere una reflexión sobre estas cuestiones, así como sobre el papel de la educación. Hay varios pensadores que nos traen contribuciones teóricas para reflexionar sobre esa educación. Entre ellos, podemos destacar Theodor Adorno, filósofo alemán y miembro de la Escuela de Frankfurt. El presente artículo intenta delinear esta temática, con el objetivo de reflejar, a partir del pensamiento de Adorno, sobre la cuestión de la industria cultural, de la competencia y de la barbarie derivada de la sociedad industrial y tecnológica. Además, busca igualmente comprender los mecanismos de construcción que inciden en la violencia, la heterogeneidad y la heteronimia. Se remonta todavía a algunas consideraciones acerca de la formación humana ante la crisis de la formación cultural de la sociedad capitalista. Para ello, vamos a reflexionar sobre la cuestión del trabajo en la historicidad del hombre y sobre la relación intrínseca entre competencia, barbarie e industria cultural. Finalmente, concluiremos nuestras ponderaciones abordando la concepción de edu-

cación y emancipación como elementos mediadores para la superación de ese estado de cosas. Tales discusiones serán delineadas con el pensamiento de Marx y de Lukács.

Palabras clave: *Competición. Violencia. Esclarecimiento. Educación emancipadora.*

1 INTRODUÇÃO

De origem judaica, nascido em 1903 em Frankfurt am Main (Alemanha), Theodor Adorno estudou filosofia, sociologia e psicologia na Universidade de Frankfurt e aos 22 anos foi para Viena, Áustria, onde aprendeu a arte da composição. Em sua vida acadêmica, teve como um dos elementos fundamentais em sua filosofia o estudo da dialética. Nas suas obras, traçou reflexões relacionadas à violência, à indústria cultural e à incidência desta última na educação, o que desemboca na semiformação. Desse modo, formulou conceitos sobre a questão da barbárie, indústria cultural e seus mecanismos de construção impostos pela sociedade capitalista, como é a questão da competição, que termina por provocar violências e atos bárbaros entre as pessoas. Tais conceitos e mecanismos são fundamentais para a compreensão das mazelas decorrentes da sociedade industrial e suas implicações para o advento de uma real formação humana, posto que tal sociedade só leva mesmo a uma semiformação.

A formação humana pode ser entendida como um processo dialético e cultural compreendido pela dimensão do esclarecimento e da autonomia. Desse modo, perpassa as barreiras humanas e institucionais, impossibilitando o pleno desenvolvimento do gênero humano. Portanto, a dialética adorniana tem como mote uma crítica à barbárie, decorrente da ânsia pelo domínio de poder e pela competição, e à indústria cultural, oriunda da razão instrumental, caracterizada pela sociedade mercantilizada que não busca outro progresso senão o técnico e o poder sobre os homens. Logo, há uma crise na formação humana e cultural na sociedade industrializada, que, por conseguinte, mostra o desvio da finalidade para o preparo e a constituição de um ser social autônomo. É sabido que a formação humana remete a uma diversidade de critérios que devem ser levados em conta, pois os processos formativos envolvem não só os hábitos adquiridos pelos homens, mas também o conhecimento, as crenças, as leis, o esclarecimento e todos os demais complexos formativos de uma sociedade. Esses complexos sociais estão diretamente relacionados à cultura, e esta, por sua vez, deveria proporcionar uma formação integral do indivíduo para o convívio social. Isso está associado à concepção de formação omnilateral defendida por Marx¹.

Portanto, a proximidade do indivíduo à plenitude se dá, dentre outros aspectos, através da emancipação, que requer uma formação integral. Porém, para alcançar tal elemento fundamental do pensamento de Adorno na busca da

¹ Segundo Marx, é preciso que a educação, mediada pelo trabalho, volte-se para o homem de um modo integral. Dessa forma, “[...] o homem apropria-se do seu ser omnilateral de uma maneira omnicompreensiva, portanto, como homem total” (MARX, 1989, p. 196-197).

constituição de uma sociedade equilibrada, é necessário alcançar o esclarecimento e a autonomia.

No entanto, predomina, na sociedade atual, uma barbárie, uma competição entre os homens e um mal-estar tão grande da civilização, que se bloqueia a consecução dessa formação emancipada. A partir do pensamento de Freud, Adorno menciona, em sua obra *Educação e emancipação* (1995), o mal-estar na cultura.

É possível falar da claustrofobia das pessoas no mundo administrado, um sentimento de encontrar-se enclausurado numa situação cada vez mais socializada, como uma rede densamente interconectada. Quanto mais densa é a rede, mais se procura escapar, ao mesmo tempo que precisamente a sua densidade impede a saída. Isto aumenta a raiva contra a civilização. Esta torna-se alvo de uma rebelião violenta e irracional. (ADORNO, 1995, p. 122).

De acordo com o trecho supracitado, compreende-se que há na civilização uma pressão com fortes tendências a explosões violentas, pois pessoas que se sintam presas pelo mundo administrado e cada vez mais socializado procuram escapar de tal sentimento aumentando assim sua raiva contra a civilização; estando estas tendenciosas ao cometimento de atos bárbaros. Por conta disso, Adorno comenta que é muito difícil mudar os pressupostos objetivos que levaram alguns homens a atos bárbaros. Ele refere-se “[...] às tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz”² (ADORNO, 1995, p. 121). Com isto, diz Adorno (1995, p. 121, grifo nosso), “[...] refiro-me, sobretudo, também à *psicologia das pessoas* que fazem coisas desse tipo”.

Embasado nas teorias freudianas, Adorno comenta que a cultura promete tantas coisas, mas não as cumpre, conduz os homens a uma divisão entre trabalho físico e intelectual, a uma competição generalizada, subtraindo a confiança destes frente à cultura e a si mesmos, provocando sentimentos de raiva e de violência decorrentes do fracasso social. Por meio da cultura e da competição, o homem é submetido, muitas vezes, à experimentação de fracassos, podendo desenvolver um sentimento de culpa e/ou de inferioridade que pode se traduzir também em agressão.

Frente a isto, o presente trabalho tem como objetivo exercer uma reflexão, a partir do pensamento de Adorno, sobre a questão da indústria cultural, da competição e da barbárie decorrentes da sociedade industrial e tecnológica, e acerca dos seus mecanismos de construção que incidem na violência, na heterogeneidade e na heteronomia. Tudo isso nos remete a algumas considerações sobre a formação humana frente à crise da formação cultural da sociedade capitalista. Para tanto, abordaremos a questão do trabalho na historicidade do homem, a relação intrínseca entre competição, barbárie e indústria cultural, concluindo com a concepção de educação e emancipação como elementos mediadores para a superação desse estado de coisas. Entretanto, tais discussões serão delineadas também com o pensamento de Marx e de Lukács.

² Um dos maiores campos de concentração nazistas.

2 O TRABALHO NA HISTORICIDADE DO HOMEM

A historicidade dos homens começa, antes de tudo, com a análise do trabalho na vida humana. O trabalho é realizado mediante a transformação da natureza em benefício do próprio homem. Tais transformações fundam o homem como ser social. Lukács, em sua *Para uma ontologia do ser social*, afirma que

Somente o trabalho tem, como sua essência ontológica, um claro caráter de transição: ele é, essencialmente, uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza [...], mas antes de tudo assinala a transição no homem que trabalha, do ser meramente biológico ao ser social. Com razão diz Marx: Como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é, assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana. (LUKÁCS, 2013, p. 44).

Portanto, de acordo com Lukács, para a análise do ser social na sua gênese, desenvolvimento e nas suas relações em sociedade, é necessário compreender o processo do trabalho e das transformações dele decorrentes. Dizendo de outra forma, podemos nos remeter a Silva Filho (2005), ao comentar que o homem, enquanto ser social, tem a sua gênese no trabalho; ao modificar a natureza, o homem modifica-se a si próprio na sua interação com a própria natureza, da qual ele é parte, e na interação com os outros homens. Essa processualidade o afasta da barreira natural, tornando-o, com o desenvolvimento de seu trabalho, um ser cada vez mais histórico e social.

A sociabilidade que se estabelece por meio desse afastamento do homem da sua barreira natural resulta em uma construção histórico-social, em um determinado tipo de cultura. Assim, para que o indivíduo possa conviver socialmente, é necessário que haja um processo de trabalho, de socialização e de educação por meio do qual ele produz a sua cultura e, ao mesmo tempo, é por ela produzido. Nesse sentido, de acordo com o tipo de trabalho que o homem exerce, haverá um tipo de sociabilidade e de cultura. É por isso que, na sociedade capitalista e tecnológica, a cultura tornou-se indústria, uma vez que predomina o seu caráter mercadológico. Portanto, através da transformação do mundo natural em um mundo cultural/social, o homem vai adquirindo uma consciência, um processo de aprendizagem e de transformação de si próprio, gerando o seu tipo de sociedade, de educação, de cultura e, conseqüentemente, de comportamento.

Para reforçar essas considerações, podemos nos remeter a Marx na questão “homem *versus* transformação da natureza”. Na obra *O capital*, o autor define trabalho como o meio fundante do homem em sociedade e afirma que este é alcançado quando o homem transforma a natureza, modifica-a em seu benefício, utiliza-a como meio de transformação social. Para Marx (1996, p. 297-298), o trabalho

[...] é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencen-

centes a sua corporeidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica ao mesmo tempo sua própria natureza.

O homem concebe a natureza como algo distinto e, ao mesmo tempo, parte dele, já que se encontra imerso nela e, por constituir-se em um ser de necessidades, um ser de desejos, transforma a natureza a seu favor – processo de hominização. A partir da natureza humanizada, por meio do trabalho, criam-se as leis, a cultura, a educação, etc. Desse modo, o homem, ao nascer, encontra um mundo construído, mas também, à medida que vai se desenvolvendo, vai contribuindo igualmente para a criação e a recriação do mundo social e histórico. É nesse sentido que Marx, no seu ensaio *O 18 brumário de Luís Bonaparte*, diz que “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem, não as fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 1978, p. 329). No entanto, como referimos anteriormente, ainda que o homem encontre um mundo construído, ele é sujeito da sua própria história, pois constrói o seu mundo social.

Portanto, esse processo de formação da história se refere a uma construção dos próprios homens na sua relação com a natureza e com os outros homens, formando a sua sociabilidade e construindo um tipo de sociedade, de educação, de cultura e de formação humana. Por isso, a cada período histórico, o homem cria um modelo de sociedade e de educação. Isso é resultante de um processo coletivo: o homem, enquanto ser social, faz a sua história, que, por sua vez, depende do processo histórico construído pelo próprio gênero humano. Foi por meio dessa processualidade que o homem gerou uma sociedade, na modernidade, marcada pela *indústria cultural*, *competição* e *barbárie*, cuja superação requer a mediação de um processo educativo que esteja voltado para uma real formação humana.

3 INDÚSTRIA CULTURAL, COMPETIÇÃO E BARBÁRIE

No processo histórico do homem, há inúmeros elementos de estranhamento³ que estão presentes desde os tempos mais remotos sob diversas formas. No modo de produção capitalista, que levou à instauração de uma sociedade tecnológica ancorada numa indústria cultural, o autoritarismo, a agressividade e, principalmente, a competitividade, dentre tantos outros desses elementos, levaram o homem ao cometimento de atos tão violentos, tão bárbaros, que vão de encontro à própria natureza da existência humana.

Desse modo, a barbárie foi desencadeada na tentativa de superar, de agredir ou de ferir e dominar o outro, adquirindo poder na sociedade⁴ e sobre os demais. Para Adorno, a barbárie pode ser demonstrada não apenas de uma forma física, primitiva, mas também pode ser implementada com o objetivo de abalar o íntimo hu-

³ Nobre Lopes (1995, p. 15), falando da questão do estranhamento no pensamento de Lukács, diz que “[...] o estranhamento é um fenômeno exclusivamente histórico-social” e que se refere aos bloqueios à plena explicitação do gênero humano.

⁴ Adorno (1995, p. 121), falando do massacre do nazismo, diz que “[...] é preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos”.

mano; logo, não se limita ao físico, mas se prolonga ao *desrespeito dos valores éticos e morais de convivência social*, abrangendo nesta todos os aspectos que a regem.

Tudo isso é consequência da sociedade moderna, que visa ao desenvolvimento tecnológico voltado não para a satisfação das necessidades humanas, e sim para o mercado capitalista, gerando um aspecto industrial e mercadológico da formação e da cultura, ou seja, predominando uma indústria cultural. Isso remete à condução da civilização para uma competição em busca de poder, ocasionando e fortalecendo atos bárbaros. Nesse sentido, Silva Filho (2013, p. 11), falando do pensamento de Adorno, diz que o filósofo alemão

[...] faz uma análise da decadência da cultura no sistema capitalista, que, ao torná-la uma mercadoria, exerce, através dela, um domínio cada vez mais crescente sobre os indivíduos, intensificando a alienação e bloqueando o pensamento crítico. Desse modo, a cultura, ao ser produzida para as necessidades da lógica do mercado, perde a sua característica de cultura, sua dimensão estética, para ser meramente um objeto de consumo. Aqui os sentimentos dão lugar ao lucro e a cultura é produzida como instrumento de troca [...] A repercussão desses mecanismos na consciência e na ação dos indivíduos deseduca o homem, o aliena do seu ser.

Nesse aspecto, a indústria cultural anula a dimensão humana do homem levando os indivíduos a uma impotência e a uma ânsia pelo ter e pelo consumo. Afirmam Adorno e Horkheimer (1985, p. 14-15) que

[...] o indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos... Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados. A elevação do padrão de vida das classes inferiores, materialmente considerável e socialmente lastimável, reflete-se na difusão hipócrita do espírito. Sua verdadeira aspiração é a negação da reificação. Mas ele necessariamente se esvai quando se vê concretizado em um bem cultural e distribuído para fins de consumo.

Decorre, então, a destruição do próprio homem, na medida em que a indústria cultural prioriza o caráter mercadológico, o consumo e o ter, levando os homens a uma heteronomia e a uma padronização de comportamentos; esta, por sua vez, provoca nos homens uma ânsia pelo poder, levando-os a uma competição generalizada e à barbárie.

Para Marx, nessa sociedade capitalista, o instinto de competição também leva à coisificação dos homens, que, por sua vez, está atrelada ao fetiche. Na sua obra *Grundrisse*, ele diz que o fetichismo “[...] atribui às coisas relações sociais como determinações que lhes são imanentes e, assim, as mistifica” (MARX, 2001, p. 922). Essa mistificação observada por Marx é o enaltecimento dos objetos sobre o ser humano, rebaixando-o ao *status* de coisa.

A fetichização das pessoas em suas relações sociais está ligada também a uma competição em busca de um *statu quo* social almejado por uma grande maioria, pois a mercadoria, na sua forma fetichizada, mediatiza as relações humanas e sociais. Como já frisamos, é daí que decorre uma competição entre os homens pela ânsia de poder e de domínio sobre o outro, provocando atos violentos, caracterizando uma ampla barbárie. A resposta a tais atos são atitudes

inadequadas à convivência, provocando atos cada vez mais violentos. Nesse sentido, a barbárie passa a existir em toda parte, como diz Adorno (1995, p. 159), “[...] suspeito que a barbárie existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva”, inclusive há várias circunstâncias em que a violência leva “[...] a situações bem constrangedoras”. Por outro lado, há também situações constrangedoras decorrentes não somente de violência física, mas também de violências que atingem o íntimo do ser humano. Adorno (1995, p. 163) comenta que

Freud fundamentou de um modo essencialmente psicológico a tendência à barbárie e, nesta medida, sem dúvida acertou na explicação de uma série de momentos, mostrando, por exemplo, que por intermédio da cultura as pessoas continuamente experimentam fracassos, desenvolvendo sentimentos de culpa subjacentes que acabam se traduzindo em agressão.

Em virtude da sociedade tecnológica e capitalista, todas essas questões relativas à indústria cultural que levam à coisificação do homem, à competição e, em consequência, à agressão poderiam ser levadas em conta pela educação se esta pudesse levar a sério o trabalho do homem, a cultura e a formação humana. No entanto, segundo Adorno, até a atualidade, não houve ainda uma preocupação com a clareza desse estado de coisas. Isso se torna importante na educação, principalmente na primeira infância, tanto na escola como na família, o que requer o exercício de uma autoridade esclarecida capaz de impedir a criança de cometer atos violentos, por mais inocentes que possam parecer, inibindo-a de cometer atos bárbaros na sua fase adulta. Nesse sentido, não é aconselhável que os adultos sejam permissivos com determinadas atitudes das crianças. A título de exemplo, Adorno destaca a necessidade da autoridade dos pais quando eles “[...] dão uma palmada na criança porque ela arranca as asas de uma mosca, trata-se de um momento de autoridade que contribui para a desbarbarização” (ADORNO, 1995, p. 167). Importante frisar que, embora “as palmadas” sejam uma punição física, não se trata de uma violência física, e sim de uma autoridade dos pais mediante uma atitude da criança, que, se não for orientada para não cometer essa atitude, poderá, depois, encorajar-se para praticar atos bárbaros, como foi o caso do nazismo e de tantas outras violências implementadas pelos homens. Portanto, não se trata de ser violento com a criança, mas sim de orientá-la nas suas ações⁵, o que remete à necessidade de uma educação emancipatória.

É por isso que Adorno (1995, p. 155) defende a tese de que “[...] desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia”, requerendo a formação para a saída do homem da sua minoridade, para o esclarecimento, a autonomia e a emancipação.

4 À GUIA DE CONCLUSÃO: A EDUCAÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO

Na concepção de Adorno, a questão da educação para a emancipação remete à democracia e ao esclarecimento no sentido posto por Kant. Para este, “[...] esclare-

⁵ No livro *Educação e emancipação*, de Adorno (1995, p. 167), Becker, seu interlocutor, reafirma essa ideia ao dizer que “[...] a criança não pode ser nem submetida autoritariamente à violência, nem submetida à insegurança total pelo fato de não se oferecer a ela nenhuma orientação”.

cimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele é próprio culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu próprio entendimento sem a direção de outro indivíduo” (KANT, 1974, p. 100). Kant diz que, se o homem é o próprio culpado da sua menoridade, então é ele mesmo quem deve sair dela. Daí porque o homem não pode renunciar ao esclarecimento, pois, se o fizer, “[...] significa ferir e calcar aos pés os sagrados direitos da humanidade” (KANT, 1974, p. 110).

Porém, segundo Adorno, a saída do homem de sua menoridade necessita de uma educação voltada para a emancipação, uma vez que esta remete ao esclarecimento e à autonomia, condições essenciais para tirar o homem do seu estado de agressão e de barbárie que se manifesta na menoridade. Portanto, segundo esse autor, a falta de coragem para a tomada de decisões para se sair da menoridade não está relacionada diretamente com a falta de conhecimento, e sim com a falta de uma educação que tenha como princípio a emancipação do ser, pois geralmente o que há nas instituições destinadas à educação escolar não é uma educação que priorize a autonomia e o esclarecimento, mas sim o estímulo à competição, ao individualismo e à heteronomia, fatores estes que levam ao desenvolvimento de uma consciência agressiva e coisificada. Por isso, Adorno (1995, p. 161) afirma que “[...] um ensino que se realiza em formas humanas de maneira alguma ultima o fortalecimento da competição”.

A competição leva ao sentimento de subordinação para aqueles que “perdem” e de poder e superioridade para aqueles “que ganham”. Vimos, no item anterior deste texto, que a competição, nas suas consequências negativas e/ou positivas, pode gerar violências e atos bárbaros, seja por vingança, seja por fracasso, seja por ânsia de poder sobre o outro, uma vez que, diante da competição e da violência provocadas pela sociedade industrial e capitalista, os homens lutam para superar uns aos outros, para vencer o outro, e não para galgar níveis superiores do gênero humano. Diante desses fatores, a competição e a violência continuam a aterrorizar o caminho à emancipação. Com efeito, Adorno cita a universidade, a escola, a família, enfim, a educação, de um modo geral, como sendo mecanismos de controle que podem manter, piorar ou superar esse estado de coisas.

Daí a necessidade de uma educação para a emancipação, uma educação que proporcione uma real formação humana, o que significa dizer que há a necessidade de uma educação para a autonomia e para o esclarecimento. É nesse sentido que Adorno (1995, p. 143) diz que, “[...] de um certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade”. Trata-se de sair daquela menoridade da qual fala Kant. É uma educação para o homem se orientar no mundo, para a democracia, para a compreensão da realidade. Essa educação para a emancipação é uma tarefa que deve ser realizada já a partir da primeira infância e deve ocorrer “[...] por meio da família, na medida em que é consciente, por meio da escola, da universidade” (ADORNO, 1995, p. 144). É necessário que se compreenda o conceito de emancipação e a sua relação dialética com o contexto social. Essa questão “[...] precisa ser inserida no pensamento e também na prática educacional” (ADORNO, 1995, p. 143).

Adorno defende que a educação precisa trabalhar na direção de uma ruptura das mazelas provocadas pela indústria cultural, pela competição e pela barbárie, tornando os homens conscientes desse estado de coisas criado por eles próprios, uma vez que são o sujeito da sua história. Com efeito, “[...] desbarbarizar tornou-

-se a questão mais urgente da educação hoje em dia” (ADORNO, 1995, p. 155). Trata-se, aqui, de uma educação para a emancipação.

A fim de concluir, reafirmamos que a educação para a emancipação está voltada a uma conscientização que conduza o homem a ações e tomadas de decisões com autonomia e esclarecimento, tirando-o da condição de minoridade. Entretanto, isso não significa “fazer o que se quer a qualquer hora”, e sim agir conforme a emancipação humana, refutando a competição e contrapondo-se à barbárie. Por sua vez, isso remete a uma cultura que seja estabelecida “pelos” e “para” os homens com essa capacidade intelectual de conscientização e de tomada de decisões. Por isso, em qualquer debate acerca de metas educacionais, é necessário que não se permita o cometimento da repetição de Auschwitz. Finalizamos com o próprio Adorno: “[...] o pathos da escola hoje, a sua seriedade moral, está em que, no âmbito do existente, somente ela pode apontar para a desbarbarização da humanidade” (ADORNO, 1995, p. 117).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é “esclarecimento”? (aufklärung). In: KANT, Immanuel. *Textos seletos*. Edição bilíngue. Tradução de Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 100-116.
- LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social*. Tradução de Ivo Tonet, Nélcio Schneider e Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2013. v. 2.
- MARX, Karl. *Grundrisse*. Tradução de Mário Duayer e Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2001.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1989.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Tradução de Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996. v. 1.
- MARX, Karl. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*. Tradução de Leandro Konder. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).
- NOBRE LOPES, Fátima Maria. O estranhamento como fenômeno histórico-social em Lukács. *Educação em Debate*, Fortaleza, v. 17-18, n. 29-30-31-32, p. 15-20, 1995.
- SILVA FILHO, Adauto Lopes. A indústria cultural: regressão do esclarecimento e mistificação da consciência. In: CARVALHO, Marcelo; FIGUEREDO, Vinicius (Org.). *Filosofia contemporânea: ética e política contemporânea*. São Paulo: ANPOF, 2013. p. 11-18.
- SILVA FILHO, Adauto Lopes. Interação homem natureza através da atividade produtiva. In: DINIZ, Francisco Romulo *et al.* (Org.). *Princípios: discussões filosóficas*. Sobral: UVA, 2005. p. 127-135.